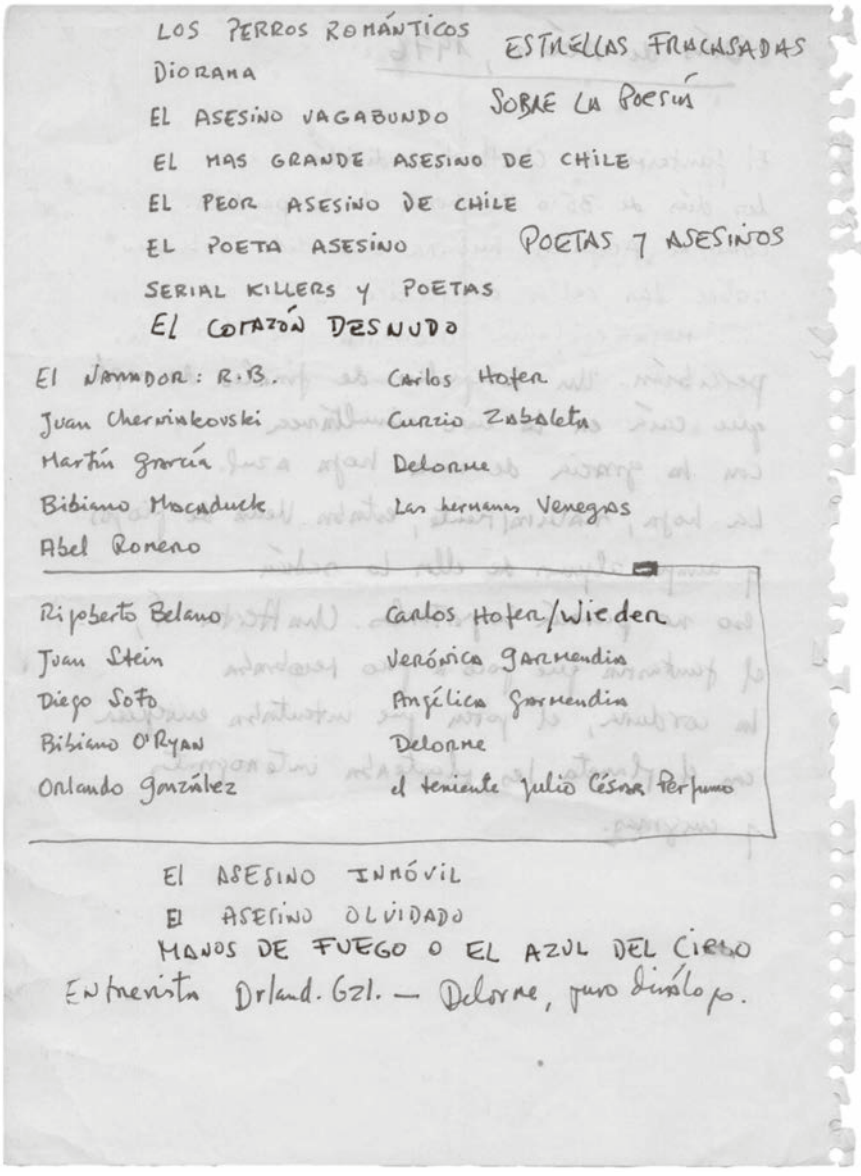
ROBERTO BOLAÑO

ESTRELA DISTANTE



cavalo de ferro



LOS PERROS ROMÁNTICOS
DIORAMA
EL ASESINO VAGABUNDO
EL MAS GRANDE ASESINO DE CHILE
EL PEOR ASESINO DE CHILE
EL POETA ASESINO
SERIAL KILLERS Y POETAS
EL CORAZÓN DESNUDO

ESTRELLAS FRACASADAS
SOBRE LA POESÍA
POETAS Y ASESINOS

El Narrador: R.B.	Carlos Hofer
Juan Chernikovski	Curzio Zabaleta
Martín García	Delorme
Bibiano Macaduck	Los hermanos Venegas
Abel Romero	

Ripoberto Belano	Carlos Hofer/Wieder
Juan Stein	Verónica Garmendia
Diego Soto	Angélica Garmendia
Bibiano O'Ryan	Delorme
Orlando González	el teniente Julio César Perfumo

EL ASESINO INMÓVIL
EL ASESINO OLVIDADO
MANOS DE FUEGO O EL AZUL DEL CIELO
Entrevista Dr/and. Gzl. — Delorme, puro diálogo.

Esboço do autor com diferentes títulos para o romance *Estrela Distante* e lista dos nomes das personagens.

Para Victoria Ávalos e Lautaro Bolaño

Que estrela cai sem que ninguém a veja?

William Faulkner

No último capítulo do meu romance *A Literatura Nazi nas Américas* narrava-se de forma porventura demasiado esquemática (não ultrapassava as vinte páginas) a história do tenente Ramírez Hoffman, da Força Aérea Chilena. Essa história foi-me contada pelo meu compatriota Arturo B., veterano das guerras floridas e suicida em África, que não ficou satisfeito com o resultado final. O último capítulo de *A Literatura Nazi* servia como contraponto, talvez como anticlímax do grotesco literário que o precedia, e Arturo desejava uma história mais longa; não um espelho nem uma explosão de outras histórias, mas espelho e explosão em si mesma. Assim sendo, fechámo-nos durante um mês e meio na minha casa em Blanes e, com o último capítulo em mãos e seguindo o fio dos seus sonhos e pesadelos, compusemos o romance que o leitor tem agora diante de si. A minha função limitou-se a preparar bebidas, consultar alguns livros e discutir, com ele e com o fantasma cada vez mais presente de Pierre Menard, a validade de muitos parágrafos repetidos.

Roberto Bolaño

1

A primeira vez que vi Carlos Wieder foi em 1971, ou talvez em 1972, quando Salvador Allende era presidente do Chile.

Nessa altura chamava-se Alberto Ruiz-Tagle, e por vezes aparecia no seminário de poesia de Juan Stein, em Concepción, a chamada capital do Sul. Não posso dizer que o conhecesse bem. Via-o uma vez por semana, ou duas vezes, quando ia ao seminário. Não falava muito. Eu sim. A maioria de nós falava muito: não só de poesia, mas também de política, de viagens (que então nenhum de nós imaginava que viriam a ser o que acabaram por ser), de pintura, de arquitectura, de fotografia, da revolução e da luta armada; a luta armada que havia de trazer-nos uma vida nova e uma nova época, mas que, para a maioria de nós, era como um sonho ou, mais propriamente, como a chave que nos abriria a porta dos sonhos, os únicos pelos quais valia a pena viver. E embora soubéssemos, ainda que vagamente, que os sonhos muitas vezes se transformam em pesadelos, isso não nos importava. Tínhamos entre dezassete e vinte e três anos (eu tinha dezoito) e quase todos estudávamos na Faculdade de Letras, excepto as irmãs Garmendia, que estudavam Sociologia e Psicologia,

e Alberto Ruiz-Tagle, que, segundo disse certa vez, era autodidacta. Sobre ser autodidacta no Chile nos dias que antecederam 1973, haveria muito a dizer. A verdade é que não parecia autodidacta. Quero dizer: *exteriormente*, não parecia um autodidacta. Esses, no Chile do início dos anos setenta, na cidade de Concepción, não se vestiam como Ruiz-Tagle se vestia. Os autodidactas eram pobres. Falava como um autodidacta, isso sim. Falava como, suponho, falamos hoje todos nós, que ainda estamos vivos (falava como se vivesse envolto numa nuvem), mas vestia-se demasiado bem para nunca ter posto os pés numa universidade. Não pretendo dizer que fosse elegante — embora o fosse, à sua maneira —, nem que se vestisse de forma particularmente distinta; os seus gostos eram eclécticos: às vezes aparecia de fato e gravata, outras com roupa desportiva, não desprezava os *jeans* nem as *t-shirts*. Mas, independentemente da indumentária, Ruiz-Tagle usava sempre roupa cara, de marca. Numa palavra, Ruiz-Tagle era elegante, e eu, na altura, não acreditava que os autodidactas chilenos, sempre entre o manicómio e o desespero, pudessem ser elegantes. Disse uma vez que o pai, ou talvez o avô, tinha sido proprietário de uma quinta perto de Puerto Montt. Contava (ou ouvimo-lo contar a Verónica Garmendia) que decidira deixar os estudos aos quinze anos para se dedicar ao trabalho no campo e à leitura da biblioteca paterna. Nós, que frequentávamos o seminário de Juan Stein, tomávamos como dado adquirido que era um bom cavaleiro. Não sei porquê, já que nunca o vimos montar. Na verdade, todas as suposições que fazíamos em torno de Ruiz-Tagle estavam condicionadas pelo nosso ciúme, ou talvez pela nossa inveja.

Ruiz-Tagle era alto, magro, mas forte, e de feições bonitas. Segundo Bibiano O'Ryan, era um sujeito de feições demasiado frias para serem belas, mas, claro, Bibiano disse-o *a posteriori*, e assim já não conta. Porque é que sentíamos ciúmes de Ruiz-Tagle? O plural é excessivo. Quem sentia ciúmes era eu. Talvez Bibiano partilhasse esses ciúmes. A razão, evidentemente, eram as irmãs Garmendia, gémeas monozigóticas e estrelas indiscutíveis do seminário de poesia. De tal forma que, por vezes, tínhamos a impressão (Bibiano e eu) de que Stein dirigia o seminário unicamente para elas. Eram, reconheço, as melhores. Verónica e Angélica Garmendia, tão iguais nalguns dias que era impossível distingui-las, e tão diferentes noutros dias (sobretudo *noutras* noites) que pareciam duas desconhecidas, se não até duas inimigas. Stein adorava-as. Era, com Ruiz-Tagle, o único que sabia sempre qual delas era Verónica e qual era Angélica. Eu, sobre elas, mal consigo falar. Por vezes aparecem nos meus pesadelos. Têm a minha idade, talvez um ano mais, e são altas, magras, de pele morena e cabelo negro muito comprido, como julgo que era moda naquela época.

As irmãs Garmendia tornaram-se amigas de Ruiz-Tagle quase de imediato. Este inscreveu-se no seminário de Stein em 71 ou 72. Ninguém o tinha visto antes, nem na universidade nem em lado nenhum. Stein não lhe perguntou de onde vinha. Pediu-lhe que lesse três poemas e declarou que não estavam mal. (Stein só elogiava abertamente os poemas das irmãs Garmendia.) E ele ficou connosco. Ao início, pouco caso fazíamos dele. Mas, quando vimos que as Garmendia se tornavam amigas dele, também nós nos tornámos amigos de Ruiz-Tagle.

Até então, a sua atitude fora sempre de uma cordialidade distante. Só com as Garmendia (nisto fazia lembrar Stein) era francamente simpático, cheio de delicadezas e atenções. Aos restantes, como já disse, tratava-nos com uma «cordialidade distante», ou seja, cumprimentava-nos, sorria-nos, quando líamos poemas era discreto e comedido na sua apreciação crítica, nunca defendia os seus textos dos nossos ataques (costumávamos ser demolidores) e ouvia-nos, quando lhe falávamos, com algo que hoje não me atreveria a chamar atenção, mas que na altura nos parecia ser isso.

As diferenças entre Ruiz-Tagle e os outros eram notórias. Nós falávamos em calão ou numa gíria marxista-mandrakista (a maior parte do nosso grupo era membro ou simpatizante do Movimento de Esquerda Revolucionária ou de partidos trotskistas, embora houvesse quem militasse nas Juventudes Socialistas, no Partido Comunista ou num dos partidos da esquerda católica). Ruiz-Tagle falava espanhol. Aquele espanhol de certos lugares do Chile (*lugares* mais mentais do que físicos) onde o tempo parece não passar. Nós (os que éramos de Concepción, como eu) vivíamos com os nossos pais ou em pensões de estudantes baratas. Ruiz-Tagle vivia sozinho num apartamento perto do centro, com quatro divisões e as cortinas permanentemente corridas, que eu nunca visitei, mas sobre o qual Bibiano e a Gorda Posadas me contaram coisas, muitos anos depois (coisas já influenciadas pela lenda maldita de Wieder), e não sei se hei-de acreditar nelas ou de as atribuir à imaginação do meu antigo condiscípulo. Nós quase nunca tínhamos dinheiro (é divertido escrever agora a palavra

«dinheiro»[1]: brilha como um olho na noite); a Ruiz-Tagle nunca lhe faltou dinheiro.

O que me contou Bibiano sobre a casa de Ruiz-Tagle? Falou sobretudo da sua nudez; teve a impressão de que a casa estava *preparada*. Foi lá sozinho uma só vez. Passava por ali e decidiu (típico de Bibiano) convidar Ruiz-Tagle para ir ao cinema. Mal o conhecia, e decidiu convidá-lo para ir ao cinema. Estava em exibição um filme de Bergman, já não me lembro de qual. Bibiano já tinha ido lá antes, duas vezes, sempre acompanhando uma das irmãs Garmendia, e em ambas as ocasiões a visita era, por assim dizer, esperada. Nessas visitas, quando foi com as Garmendia, a casa pareceu-lhe *preparada*, disposta ao olhar dos que chegavam, demasiado vazia, com espaços onde claramente faltava algo. Na carta em que me explicou estas coisas (carta escrita muitos anos depois), Bibiano dizia que se sentira como Mia Farrow em *A Semente do Diabo*, quando entra pela primeira vez, com John Cassavetes, na casa dos vizinhos. Faltava qualquer coisa. Na casa do filme de Polanski, o que faltava eram os quadros, cuidadosamente retirados para não assustar Mia e Cassavetes. Na casa de Ruiz-Tagle, o que faltava era algo inominável (ou algo que Bibiano, anos mais tarde, já a par da história — ou de boa parte dela —, considerava inominável, mas presente, tangível), como se o anfitrião tivesse amputado pedaços da sua casa. Ou como se esta fosse um brinquedo modular, um *Lego*, que se adaptava às expectativas e particularidades de cada

1 No original, *plata*, termo que na gíria do espanhol de muitos países da América Latina significa «dinheiro». [Todas as notas são da tradutora.]

visitante. Esta sensação acentuou-se quando foi sozinho lá a casa. Ruiz-Tagle, evidentemente, não o esperava. Demorou a abrir a porta. Quando o fez, pareceu não reconhecer Bibiano, embora este me garanta que Ruiz-Tagle abriu a porta com um sorriso, e que em momento algum parou de sorrir. Não havia muita luz, como ele próprio admite, por isso não sei até que ponto o meu amigo se aproxima da verdade. Em todo o caso, Ruiz-Tagle abriu a porta e, após uma troca de palavras mais ou menos incongruente (demorou a perceber que Bibiano estava ali para o convidar para ir ao cinema), voltou a fechá-la, não sem antes lhe pedir que esperasse um momento, e, passados alguns segundos, voltou a abrir e, dessa vez, convidou-o a entrar. A casa estava na penumbra. O cheiro era intenso, como se Ruiz-Tagle tivesse preparado, na noite anterior, uma refeição muito pesada, cheia de gordura e especiarias. Por um instante, Bibiano julgou ouvir um ruído vindo de uma das divisões e pensou que Ruiz-Tagle estivesse com uma mulher. Quando já se preparava para se desculpar e se ir embora, Ruiz-Tagle perguntou-lhe que filme pensava ver. Bibiano respondeu que era um de Bergman, no Teatro Lautaro. Ruiz-Tagle voltou a sorrir com aquele sorriso que a Bibiano parecia enigmático e que eu considerava presunçoso, se não mesmo descaradamente arrogante. Pediu desculpa, disse que já tinha um encontro com Verónica Garmendia e, além disso, explicou, não gostava dos filmes de Bergman. Nessa altura, Bibiano já tinha a certeza de que estava outra pessoa lá em casa, alguém imóvel, que escutava atrás da porta a conversa que travava com Ruiz-Tagle. Pensou que só poderia ser Verónica, pois de outro modo como explicar o facto de

Ruiz-Tagle, habitualmente tão discreto, a ter mencionado? Mas, por mais esforços que fizesse, não conseguia imaginar a nossa poeta naquela situação. Nem Verónica nem Angélica Garmendia se punham a escutar atrás de portas. Quem seria, então? Bibiano não sabe. Nesse momento, provavelmente, a única coisa que sabia era que queria ir-se embora, dizer adeus a Ruiz-Tagle e não voltar nunca mais àquela casa nua e sangrenta. São palavras dele. Embora, tal como a descreve, a casa não pudesse ter um aspecto mais asséptico. As paredes limpas, os livros arrumados numa estante metálica, os sofás cobertos com ponchos do Sul. Sobre um banco de madeira, a *Leica* de Ruiz-Tagle, a mesma que, certa tarde, usou para fotografar todos os membros do seminário de poesia. A cozinha, que Bibiano via através de uma porta entreaberta, tinha um aspecto normal, sem o típico amontoado de panelas e pratos sujos que se esperaria na casa de um estudante que vive sozinho (mas Ruiz-Tagle *não* era estudante). Enfim, nada de extraordinário, salvo o ruído, que podia muito bem ter vindo do apartamento do lado. Bibiano teve a impressão de que, enquanto Ruiz-Tagle falava, este não *queria* que ele se fosse embora; de que falava, precisamente, para o reter ali. Essa impressão, sem qualquer fundamento objectivo, contribuiu para aumentar o nervosismo do meu amigo até níveis, segundo ele, insuportáveis. O mais curioso é que Ruiz-Tagle parecia divertir-se com a situação: percebia que Bibiano estava cada vez mais pálido, ou mais suado, e continuava a falar (sobre Bergman, suponho) e a sorrir. A casa permanecia envolta num silêncio que as palavras de Ruiz-Tagle apenas acentuavam, sem nunca o conseguirem quebrar.

Em *Estrela Distante* conhecemos Alberto Ruiz-Tagle, poeta sedutor, misterioso e pouco confiável, presença marcante nos círculos literários vanguardistas dos anos 1970, no Chile; e conhecemos Carlos Wieder, um piloto da Força Aérea que desenha no céu versículos da Bíblia com o fumo do avião. Suspeita-se que, após o golpe de Estado de Pinochet, Ruiz-Tagle se tenha tornado o assassino Wieder, encarnação pura do mal e da crueldade. Até que, durante a transição para a democracia, é Wieder quem desaparece. Inicia-se uma caça ao homem, conduzida por Abel Romero, detective, e por Arturo B., o narrador, que procuram fazer justiça à margem da lei. A busca levá-los-á a atravessar o Atlântico, do Chile e do México até Espanha, e a mergulhar no mais profundo vórtice da infâmia.

Com este romance, Roberto Bolaño sedimentou o seu estatuto literário, afirmando-se como um dos mais inventivos e audazes escritores do século XX.

«Uma história sobre fascismo e arte,
vertida na estrutura de um romance detectivesco.»
Harper's Magazine

«Uma obra-prima.»
Los Angeles Times

Penguin Random House Grupo Editorial
www.penguinlivros.pt
penguinlivros
ISBN: 978-989-589-567-0
9 789895 895670